GUERRAS

Serviço de Segurança da Ucrânia/AFP





À esquerda, a Ponte Kerch em foto tirada em 2022; à direita, a imagem registrada ontem mostra os danos na estrutura central

Um recado a Putin

Ucrânia utiliza drones e mísseis para destruir parte da Ponte Kerch, que liga o território da Rússia à Península da Crimeia, anexada em 2014. Estrutura é carregada de simbolismo para o presidente russo. Especialistas avaliam impactos do bombardeio

» RODRIGO CRAVEIRO

A dois dias de uma reunião histórica entre os presidentes Donald Trump (Estados Unidos), Xi Jinping (China) e Vladimir Putin (Rússia), na cidade chinesa de Shenzhen, Moscou sofreu um golpe simbólico. A Ucrânia destruiu parte da estratégica Ponte Kerch, que conecta o território russo à Península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014, e liga o Mar de Azov ao Mar Negro. As forças ucranianas utilizaram mísseis e drones no ataque à ponte, considerada altamente simbólica pelo Kremlin.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, escreveu nas redes sociais que a "operação sem precedentes" foi em resposta aos bombardeios russos contra a infraestrutura da ex-república soviética. "Hoje, todos podem ver as consequências para a principal via de passagem militar que liga o território russo à nossa Crimeia ucraniana. Esse é o resultado da sétima etapa de uma operação realizada ao longo de semanas, desenvolvida e coordenada pelo Serviço de Segurança da Ucrânia em conjunto com o Estado-Maior das Forças Armadas da Ucrânia", afirmou Zelensky.

O líder ucraniano disse que os drones Palianytsia tiveram "desempenho excepcional" e atingiram o trecho rodoviário da ponte. "Mísseis Neptune, Ruta e FP-5 atingiram o trecho ferroviário. Com o uso do sistema Flamingo, nossos combatentes realizaram um ataque de precisão — e o enlace de comunicação funcionou perfeitamente até os últimos segundos", comemorou, na publicação que traz um vídeo com imagens do ataque. Zelensky assegurou que, por várias vezes, ofereceu à Rússia passos rumo à desescalada do conflito, mas sem sucesso. "A Rússia ataca nossa infraestrutura diariamente, incluindo pontes em Zaporizhzhia, Dnipro, Kiev e na região de Odessa. Estamos restaurando nossa infraestrutura. Mas também estamos lembrando a Rússia de que a guerra sempre retorna ao ponto de onde começou." O Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU), envolvido na operação, anunciou que "um dos arcos metálicos e o trecho da estrada que ele sustentava ficaram completamente destruídos e que a parte ferroviária sofreu danos".

Poder imperial

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, afirmou ao **Correio** que a Rússia considera a ocupação da Crimeia como parte da restauração de seu poder imperial. "A construção dessa ponte serviu como símbolo da independência no envio de suprimentos da Rússia para a Crimeia. O ataque também ocorreu às vésperas da reunião trilateral entre Trump, Xi e Putin. Não creio que surjam temas significativos desse encontro, pois os três líderes têm agendas diferentes, e Trump está enfraquecido", explicou. "Mas, para Putin, o encontro é simbólico, pois será usado como propaganda russa. A destruição de parte da ponte é um golpe para o presidente russo. Isso mostra que a Ucrânia possui capacidades militares, conta com cartas na manga."

Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev disse à reportagem que, quando foi construída, a Ponte Kerch representou uma "verdadeira maravilha tecnológica". "Ela servia como uma artéria vital, conectando a península ocupada da Crimeia à Rússia continental. O fato de essa ponte — a infraestrutura civil mais protegida, provavelmente, de toda a história recente — ter sido praticamente destruída, representa um golpe duríssimo para Putin", observou. "A destruição de parte da ponte é um tapa na cara de Putin. Essencialmente, ela transforma a Crimeia em uma ilha. Provavelmente a ponte não será recuperada antes do fim da guerra." A imprensa estatal russa divulgou que o Kremlin convocou uma reunião de emergência para debater o ataque. Porta-voz de Putin, Dmitry Peskov fez questão de destacar que a ponte passará por obras e "ficará ainda melhor do que antes".

Segundo o estoniano Tomas Jermalavicius, diretor de Estudos do Centro Internacional para Defesa e Segurança (em Tallinn), a Ponte Kerch era a única alternativa possível para abastecer a península ocupada e reforçar as forças militares no local. "As rotas marítimas no Mar Negro e as vias terrestres na parte sul da Ucrânia continental — sob ocupação — tornaram-se inseguras ou até mesmo impossíveis de utilizar. Na prática, a península transformou-se em uma ilha isolada", admitiu, ao concordar com Zalmayev.

Fragilidade

Jermalavicius interpreta a ofensiva na Crimeia como uma vitória militar da Ucrânia e um revés psicológico para Putin. "É bastante notável que o ataque bem-sucedido à ponte ocorra no momento em que Putin tem encontros agendados com Trump e Xi. Havia receios de que o trio estabelecesse esferas de influência exclusivas, concordando em não interferir nos interesses e nas ações uns dos outros. Tal cenário remeteria ao Pacto de Yalta de 1945, trazendo graves consequências para a Ucrânia e a Europa. A destruição de um símbolo importante do poder de Putin e do ressurgimento da Rússia dificilmente favorece as aspirações russas por um acordo nos moldes de 'Yalta 2'. Putin surgirá como uma figura humilhada e enfraquecida", disse ao **Correio**. Ele não descarta efeito similar dentro da Rússia. "A imagem da invencibilidade de Putin pode revelar-se tão frágil quanto a própria ponte."

Horas depois do ataque na Crimeia, o subsecretário de Defesa dos EUA, Elbridge Colby, criticou os bombardeios de longo alcance em território russo. "Esses bombardeios, em particular os que têm como alvo infraestruturas civis como a Wildberries (líder do comércio on-line na Rússia, cujos depósitos costumam estar na mira da Ucrânia), provavelmente reforçaram a determinação da opinião pública russa e a disposição do Kremlin de ampliar o conflito."

Ligação estratégica

A Ponte Kerch conecta a Península da Crimeia à Rússia



Valdo Virgo/CB/D.A Press

Eu acho...

Arquivo pessoal



"A Ponte Kerch representava um símbolo contundente do poder e do domínio da Rússia sobre o território anexado da Crimeia — com todas as implicações de que essa anexação seria permanente e irreversível. Acontece que o controle de Putin sobre essa parte do território ucraniano é tão frágil quanto a própria ponte. Putin investiu um capital político significativo nessa infraestrutura; portanto, trata-se de um golpe bastante pessoal para ele e para os seus esforços de protegê-la contra um ataque devastador."

TOMAS JERMALAVICIUS, diretor de Estudos do Centro Internacional para Defesa e Segurança (na Estônia)

EUA atacam ilha iraniana

Os Estados Unidos bombardearam a ilha iraniana de Qeshm, no Estreito de Ormuz, segundo Teerã, depois que a República Islâmica atacou o Bahrein pela terceira vez em cinco dias. A agência oficial de notícias iraniana informou que houve "cinco ou seis explosões" na Ilha de Qeshm, sem causar danos, segundo o vice-governador da província. Até o fechamento desta edição, Washington não tinha confirmado os ataques. Anteriormente, os Estados Unidos haviam realizado ataques contra a ilha, por exemplo, no início de novembro, afirmando que eram "limitados" e "defensivos".

Mais cedo, o Irã reivindicou uma nova ofensiva contra uma base americana no Bahrein, o terceiro em cinco dias, em uma escalada da guerra no Oriente Médio. Uma informação divulgada pela imprensa americana, segundo a qual Teerã estaria preparando, de acordo com a CNN, um ataque químico contra Washington, aumentou a tensão.

"Nas últimas 72 horas, veículos de comunicação pró-Israel 'informaram' que o Irã estaria planejando usar armas químicas em Washington e construindo bases militares sob barragens", declarou o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, na rede social X. "Poupem-nos dessa propaganda (...) ninguém acredita nela", acrescentou. Por sua vez, o presidente americano, Donald Trump, respondeu a uma jornalista que leva "muito a sério" a possibilidade desse ataque. A rede de tevê CNN divulgou que fontes da inteligência americana temem um atentado com bomba suja — explosivos detonados junto a uma carga radioativa.

DIPLOMACIA

Trilateral foi ideia de Lula

O esperado encontro trilateral de amanhã, na cidade chinesa de Shenzhen, entre os presidentes de China, Estados Unidos e Rússia, foi iniciativa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, disse ontem primeiro-ministro do Canadá, Mark Carney, depois de reunir-se com o governante brasileiro em Manila, nas Filipinas, à margem da reunião de cúpula da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean), para a qual Lula foi convidado.

"(A reunião) foi uma ideia — e isso é interessante — do senhor Lula. Ele encorajou essa reunião, ele me disse ontem, a fim de encorajar o fim da guerra da Ucrânia", disse Carney a jornalistas na segunda-feira. Xi Jinping, Donald Trump e Vladimir Putin devem reunir-se hoje, na China, à margem do encontro de cúpula do Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec).

A cúpula trilateral, aguardada pela imprensa internacional como um possível marco nas relações internacionais no atual cenário geopolítico, foi confirmado nos últimos dias, uma vez ratificada a presença, na China, de Trump e Putin. De acordo com a chancelaria chinesa, eles discutirão com Xi "a paz mundial e a promoção da estabilidade estratégica nas relações entre as grandes potências".

Reunião trilateral

Carney, que se reuniu com Lula no fim de semana, em Manila, não foi claro sobre como teria sido discutida a ideia da reunião trilateral. Carney reuniu-se com o presidente brasileiro no fim de semana. Ontem, defendeu que o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, seja incluído nas negociações. "Da parte do Canadá, nós queremos a paz, queremos uma paz justa para os ucranianos", afirmou. "Não é possível termos a paz verdadeira sem a participação dos ucranianos."

Trump chegou ontem a Manila, para encontros prévios com parceiros dos EUA no Sudeste Asiático. O litoral asiático do Pacífico é definido como central para a estratégia global norte-americana desde a presidência de Barak Obama. Embora tenha concentrado na América Latina seus movimentos iniciais de política externa, o atual ocupante da Casa Branca enunciou a região vizinha como alvo imediato nos marcos da disputa com a China pela hegemonia global.

Em Shenzhen, os três líderes terão "trocas de opiniões profundas sobre a preservação da paz mundial e a promoção da estabilidade estratégica nas relações entre as grandes potências, o que terá uma importância histórica", declarou a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Mao Ning, durante uma entrevista coletiva.

Olga MaltsevaAFP



Imagens dos três líderes à venda em São Petersburgo na Rússia

Foi uma ideia — e isso é interessante — do senhor Ele enconrajou essa reunião"

Mark Carney,
primeiro-ministro do Canadá